

O ENSINO DA ARGUMENTAÇÃO ARTICULADO À CULTURA LOCAL: O MILAGRE DA BEATA MARIA DE ARAÚJO, NO JUAZEIRO DO NORTE-CE, NO ENSINO DE PORTUGUÊS

Paulo Cesar Ferreira Soares¹

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN
paulosuares@outlook.com

Gilton Sampaio de Souza²

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN
giltonssouza@gmail.com

RESUMO: Este artigo, cuja temática está associada ao discurso religioso e representa um recorte de dissertação de mestrado (SOARES, 2016), no qual houve ampliação da discussão, direciona o olhar do leitor para o fenômeno ocorrido em 1889, no Juazeiro do Norte - Ceará, conhecido popularmente como o “milagre da hóstia de sangue”, protagonizado pela beata Maria de Araújo. Com foco nos estudos e no ensino da argumentação em discursos de alunos e da sociedade em geral que tematizem a cultura local, propomo-nos analisar teses e valores em crônicas produzidas por alunos do Ensino Médio, como forma de, no ensino de língua materna, compreender melhor a natureza fundante da cultura local e/ou de torná-la mais explícita aos olhos dos nossos alunos, no contexto contemporâneo. Para tanto, valemo-nos teoricamente da proposta da Nova Retórica, propagada por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), como também dos trabalhos realizados por Fiorin (2015), Souza (2003), Plantin (2008), para as questões da argumentação e Marcuschi (2008), entre outros, para o ensino de Língua Portuguesa. Enquanto resultado, esperamos que nosso trabalho possa contribuir com o ensino de língua materna, mais precisamente da crônica, e com a atividade de argumentar.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura. Argumentação. Ensino de Língua Portuguesa.

THE TEACHING OF LOCAL CULTURE ARTICULATED ARGUMENT: THE MIRACLE OF BEATA MARIA DE ARAÚJO, IN JUAZEIRO DO NORTE-CE, IN TEACHING PORTUGUESE

ABSTRACT: This article, whose subject is associated with the religious speech and represents a cut of master's thesis (SOARES, 2016), in which there was expansion of the discussion, directs the reader to the phenomenon occurred in 1889, in Juazeiro do Norte-Ceará, popularly known as the "miracle of the host of blood", starring beata Maria de Araújo. Focusing on studies and teaching of argumentation in speeches to students and society in General that tematizem local culture, we examine theses and chronic values produced by high school students, as a way of teaching of mother tongue, a better understanding of the fundamental nature of the local culture and/or make it clearer in the eyes of our students in the contemporary context. To this end, we use theoretically proposed New rhetoric, Perelman and Olbrechts-propagated by Tyteca (2014), as well as of the work carried out by Fiorin (2015), Souza (2003), Plantin (2008), for matters of argumentation, and Marcuschi (2008), Depends, among others, for the teaching of Portuguese Language.

¹ Doutorando em Letras na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN.

² Professor Adjunto IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN.

As a result, we hope that our work can contribute to the teaching of mother tongue, more precisely of the Chronicle, and the activity of argue.

KEY WORDS: Culture. Argumentation. Portuguese Language teaching.

INTRODUÇÃO

Este artigo traz ao debate acadêmico algumas reflexões sobre o ensino da argumentação articulado à cultura local da comunidade em que se localiza à escola. Está em discussão, nas aulas de Português, de ensino, de análise e de produção textual, um elemento da cultura local dos alunos que ali estudam. Nesse caso específico, optamos por trazer como temática geradora das reflexões e do ensino da argumentação, o caso da “hóstia de sangue” da beata de Juazeiro.

Dos muitos relatos acerca do fenômeno religioso conhecido como o milagre da hóstia de sangue protagonizado pela beata de Juazeiro do Norte, Maria de Araújo, em 1889, esta pesquisa adentra numa nova proposta de análise, isto é, apresenta outra relação com os estudos dos fatos que até então se debruçaram predominantemente sobre Cícero Romão Batista (o padim Ciço) e foca o episódio com base na figura feminina.

A partir desses relatos iniciais, optamos por ancorar este trabalho nas concepções da nova retórica de base perelmaniana. Isto porque escolhemos abordar a argumentação dos alunos por meio de crônicas produzidas sobre a temática do milagre de Maria de Araújo, visto que foi ela, a mulher humilde, com seu véu sempre posto sobre o rosto, quem mudou a história, a sociedade e conseqüentemente a cultura na região do cariri cearense.

Não basta o reconhecimento popular para que a história da hóstia de sangue faça justiça à pessoa da beata, necessário se faz atender a outros estudos relativos às particularidades das pesquisas em torno do fato e, neste caso específico, esses estudos apontam para a argumentação nos textos dos alunos, que trazem a diversidade e a pertinência do tema para os espaços da sala de aula e do ensino de Português.

Diante do tema proposto, a intenção é analisar teses e hierarquia de valores nas crônicas produzidas por alunos do Ensino Médio acerca da temática do milagre da hóstia de sangue protagonizado pela beata supracitada, sendo essas crônicas produzidas após uma intervenção pedagógica nas aulas de Português, direcionada ao ensino da argumentação articulado à cultura local.

A pesquisa está vinculada ao ensino de línguas, em especial do ensino de língua materna, no que tange ao trabalho com textos, ou melhor, com gêneros textuais. Para isso, tratamos do tema com base na produção textual no ambiente escolar, espaço onde os discursos acerca da cultura, da sociedade, da religião, dentre outras temáticas, devem refletir na escrita dos alunos em sua relação com o texto, como também na relação da escola com a sociedade e com temas que possam ser de interesse à formação cidadã e crítica dos alunos, a um ensino crítico e produtivo sob vários aspectos.

Nosso trabalho vincula-se ao GPET (Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte –UERN, na perspectiva dos estudos em torno da argumentação, retórica e discursos. Outro vínculo a ser considerado nessa pesquisa vai ao encontro das diretrizes do Programa de Pós-Graduação em Letras na instituição supracitada e, por conseguinte, à linha: Discurso, Memória e Identidade, na qual podemos refletir acerca da conexão entre esses conceitos-chave. Nesse sentido, este artigo está estruturado a partir dessa base.

A organização proposta tem início com considerações gerais e imprescindíveis sobre a cultura local, os estudos argumentativos e a atuação da Língua Portuguesa nesse esquema de trabalho. Em seguida, tratamos da crônica e do Ensino da língua materna como forma de priorizar o estudo dos gêneros textuais.

Outro tópico que embasa nosso trabalho diz respeito aos estudos da argumentação, das teses e valores que identificamos na análise dos textos. Nessa parte do artigo, teremos

uma melhor compreensão a respeito da nova retórica, bem como da importância de agregarmos este estudo ao campo da cultura, conseqüentemente, da cultura local, promovendo a inserção do aluno no contexto onde os diversos fenômenos culturais acontecem.

Após essas discussões, elaboramos um tópico acerca da metodologia empregada, isto é, a partir do interesse por pesquisar teses e valores em crônicas de alunos do Ensino Médio, mostramos como realizamos as intervenções em sala de aula e como chegamos ao produto final, no caso, as crônicas dos estudantes da EEFM Estado da Bahia. E, por fim, apresentamos um recorte dessas análises, seguido das considerações finais e referências utilizadas.

A CRÔNICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

A crônica, por se configurar narrativamente como um gênero jornalístico e literário, ocupa um lugar privilegiado entre os outros gêneros. Na idade média, a crônica era habitualmente utilizada para narrar as lendas, o sobrenatural; com o passar dos tempos, esse gênero se caracterizou também por apresentar temas do cotidiano.

Ao abordarmos um assunto com o qual o aluno, no caso específico, o aluno da Educação Básica está contextualmente inserido, certamente trará uma contribuição mais efetiva para a sala de aula, visto que este estudante se reconhecerá como sujeito histórico e discursivamente localizado. “Só o enunciado tem relação imediata com a realidade e com a pessoa viva falante (o sujeito), na língua existem apenas as possibilidades potenciais (esquemas) dessas relações” (BAKHTIN, 2011, p.328).

O ensino de língua materna se debruça demasiadamente sobre a análise linguística, de teor excessivamente gramatical e assim características da linguagem como a funcionalidade e o dialogismo muitas vezes são deixados em segundo plano. Voltando à

escolha do nosso objeto de pesquisa, podemos observar que esse dialogismo na linguagem assume papel de extrema importância no modo como os alunos se posicionam em relação a temáticas sociais, culturais e/ou de cunho religioso.

Na oportunidade em que distinguimos um gênero de outro, estamos pensando de forma funcional e delimitando a dinamicidade e/ou complexidade dos gêneros. “[...] os gêneros não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas em que predominam os aspectos relativos a funções, propósitos, ações e conteúdo” (MARCUSCHI, 2008, p. 159).

Quando nos deparamos com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) na parte que trata do ensino de Língua Portuguesa, identificamos uma abrangência, a qual chega, várias vezes, a se tornar genérica quanto ao uso da variedade linguística. Contudo, na perspectiva dos PCN, essas questões de variedades, e/ou pluralidade da língua, esbarram numa espécie de preconceito observado nas entrelinhas, ou mesmo de forma mais visível, dependendo de como está sendo conceituado pela gramática.

Na concepção marcuschiana, essas variedades são estigmatizadas por se levar em conta o relativo valor social que se atribui aos diversos modos de falar: as variantes linguísticas de menor prestígio social são logo catalogadas de “inferiores” ou até mesmo, de “erradas”.

Na visão de Marcuschi (2008), quando se ensina através de textos, alguns pontos são de suma importância, dentre eles, as questões do desenvolvimento histórico da língua, as relações entre fala e escrita no uso real da língua e o treinamento do raciocínio e da argumentação. Esta última competência da língua nos chama atenção pelo fato de que a nossa pesquisa se volta para esse ensino de Língua Portuguesa a partir do trabalho com a argumentação em textos escritos

A CRÔNICA E A PRODUÇÃO ESCRITA

Quando voltamos o olhar para o discurso do aluno no campo da escrita, notamos que, muitas vezes, este estudante quer tratar de um texto escrito com ênfase na oralidade, isto é, trazendo para esse texto características típicas da linguagem oral, o ‘*você*’ vem suprimido em ‘*vc*’, o ‘*para*’ se resume no ‘*pra*’ e assim por diante.

Para Barbosa (2012), na era das relações, o sujeito produz e é produto da interação com o outro onde os indivíduos são vistos como atores e construtores sociais, fazendo com que o texto se torne o próprio lugar da interação. Essa interação pode ser materializada a partir do conhecimento dos gêneros e da sua funcionalidade.

Quanto a esta interação, o autor Marcuschi aponta para a confluência entre texto e discurso. Na nossa concepção, este entrelaçamento de ambos pode ser percebido com mais nitidez na produção escrita. A escola, muitas vezes, direciona sua prática de ensino do texto escrito como sendo voltada apenas para uma avaliação externa, como o *Enem*, ou, por outro lado, como culminância de algum projeto escolar de curto prazo.

No caso de a produção escrita estar focada no texto, sem o discurso pertencente ao contexto daquele aluno, a motivação deste pode comprometer o resultado e/ou a qualidade do trabalho.

Notamos ainda que se consolida em várias unidades escolares a ideia de que o único responsável pelo trabalho com a produção escrita seria o docente que leciona a disciplina de Língua Portuguesa, como se o ensino fosse compactado e unilateral. “Ler e escrever são tarefas da escola, questões para todas as áreas, uma vez que são habilidades indispensáveis para a formação de um estudante, que é responsabilidade da escola” (GUEDES E SOUZA, 1998, p. 01).

A crônica tem um papel fundamental na sociedade brasileira desde a época dos acalorados discursos em torno da campanha abolicionista. Nessa fase da história brasileira,

um grupo restrito de letrados assumiam a difusão das ideias culturais vigentes. Nesse cenário político efervescente, os jornais traziam editoriais que vez por outra eram escritos por um cronista.

Para El-Fahl (2013), o termo crônica foi utilizado para denominar uma modalidade textual que se filava à História, ou seja, era uma atividade textual bastante vinculada aos acontecimentos históricos que marcavam determinada sociedade, numa determinada época.

Outro uso do termo crônica naquela época se aplicava aos relatos dos viajantes. As crônicas de viagens dos portugueses no século XVI, fruto da mentalidade expansionista, buscavam descrever as terras recém descobertas pelos viajantes europeus, tendo como destaque os textos que falam sobre o Brasil, como as crônicas de Pero Gandavo e Gabriel Soares de Souza, ou ainda os textos de Fernão Mendes Pinto sobre as terras do oriente e a própria Carta de Pero Vaz de Caminha, que também desenvolve um discurso cronológico sobre as novas terras de além-mar. (EL-FAHL, 2013, p. 34).

Nessa perspectiva, podemos ponderar então o fato de que a crônica atual possui um elevado teor de elementos jornalísticos, chegando a confundir, muitas vezes, os professores que trabalham com esse gênero em suas turmas. Dessa forma, é válido ressaltar nesta discussão que, no nosso país, por esse fato de a crônica fazer parte da nossa história de colonização, deveria receber uma atenção especial das instituições escolares.

De acordo com (MOURA, 2008, p. 03): “Uma abordagem da crônica e do seu campo (o campo jornalístico e o campo literário), levanta as seguintes questões: podemos opor ou correlacionar o campo jornalístico ao campo literário? Quais as implicações desta correlação? Como vimos, vários estudiosos se questionam acerca do gênero crônica em seus múltiplos elementos. Todavia, cabe ao docente estimular o contato dos alunos, familiarizá-los.

Conforme Marcuschi (2008), nosso propósito deve ser aproximar o gênero o máximo possível do domínio discursivo. O aluno precisa compreender a crônica para em seguida realizar as atividades propostas pelo livro didático, e isso só se torna possível com

a intermediação do professor. Por outro lado, o aluno pode encontrar no próprio texto o estímulo necessário para também se tornar um produtor de textos.

Nessa abordagem da crônica em sala de aula, podemos perceber situações reais do uso da língua. A crônica amplia e desenvolve a visão de mundo do sujeito em contato com as mudanças sociais. Política, sexo, futebol, dentre outros, são aspectos sociais que migram para o texto. Por isso, vários autores delimitam o termo crônica: crônica esportiva, crônica policial, dentre outras categorias.

Como estratégia de desenvolver as habilidades dos alunos no âmbito da produção escrita, passemos agora a discutir no campo do texto no que diz respeito à argumentação. Pois, sabemos das dificuldades de alunos da Educação Básica em apresentar um ponto de vista em forma de texto, com todas as suas especificidades.

ENSINANDO A ARGUMENTAR COM FOCO NA CULTURA LOCAL

Na visão de Plantin (2008), o encontro de um discurso com outro (divergente) gera uma pergunta argumentativa. Diante do exposto, exaltamos aqui o papel do diálogo na construção dos sentidos, na sequência dos argumentos válidos e despostos não apenas na superfície da linguagem, mas também na sua sistematização dialogal, nos ‘choques’ entre pontos de vistas diferentes.

Na materialidade do fato, os discursos inicialmente convergiam para a tese de que o milagre só foi possível porque o poder de Deus havia se manifestado no corpo da beata unicamente pelo fato de ela ter sido comungada pelo santo padre, o Cícero Romão. Depois, discursos apontavam para outras teses também possíveis acerca daquele fenômeno. Alguns padres diziam se tratar de problemas decorrentes do fluxo menstrual, ou do estômago. Outros, em sua maioria ligados à igreja, afirmavam se tratar de gengivite, problemas psicológicos e/ou neurológicos, dentre outros.

Nessa nossa reflexão acerca do tema, percebemos que tais discursos poderiam ser analisados a partir de uma teoria que se propõe a debater uma questão específica; como no caso da teoria da argumentação que atribui ao discurso o ato de interação. “Para que haja argumentação, é mister que, num determinado momento, realize-se uma comunidade efetiva dos espíritos” (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 16).

De acordo com Dittrich (2009), quando o objetivo do orador é convencer ou persuadir por meio do discurso, utiliza-se dos argumentos para falar à razão, da organização discursiva, e da expressividade das palavras para aguçar a sensibilidade do auditório. Nesta perspectiva, alguns pensadores embarcaram nas pesquisas sobre retórica e apontaram para uma renovação dos seus estudos.

Dentre esses teóricos, destacam-se *Chaïm Perelman & Lucie Olbrechts-Tyteca* (2014) naquele que chamamos de *Tratado da argumentação: a nova retórica*, uma obra que concede aos estudos da retórica clássica uma roupagem de caráter mais complexo e minucioso no trato com a argumentação em discursos.

Parte significativa da nossa pesquisa sobre a argumentação nas crônicas dos alunos acerca da temática do milagre da hóstia de sangue está direcionada para os valores hierarquizados pelos alunos do Ensino Médio sobre o fato supracitado. Quando Abreu (2005) afirma que persuadir é saber gerenciar relação, é falar a emoção do outro e não contra o outro, pensamos que, para que isso aconteça, deve entrar em cena o papel dos valores, sejam eles concretos ou abstratos.

Ao lado dos fatos, das verdades e das presunções, caracterizados pelo acordo do auditório universal, cumpre incluir, em nosso inventário, alguns objetos de acordo acerca dos quais se pretende apenas a adesão de grupos particulares: os valores, as hierarquias e os lugares do preferível. Estar de acordo acerca de um valor é admitir que um objeto, um ser ou um ideal deve exercer sobre a ação e as disposições à ação uma influência determinada, que se pode alegar numa argumentação, sem se considerar, porém, que esse ponto de vista se impõe a todos. (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 83-84).

Nessa perspectiva, quando refletimos sobre os valores que são admitidos acerca de uma tese específica, somos levados a ponderar os fatos com base no discurso desses grupos particulares. Por outro lado, a influência de um valor no processo argumentativo, muitas vezes, torna-se decisivo para a adesão do auditório. “A existência dos valores, como objetos de acordo que possibilitam uma comunhão sobre modos particulares de agir, é vinculada à ideia de multiplicidade dos grupos” (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 84).

Podemos considerar, então, que na esteira dos valores (abstratos ou concretos) há um limite que se torna desejável dentro do preferível. A atuação de um, muitas vezes se confunde, ou se imbrica na ação do outro. De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), a argumentação se baseia, conforme as circunstâncias, ora nos valores abstratos, ora nos valores concretos; às vezes, é difícil perceber o papel assumido por uns e outros.

Todos os valores estão condicionados aos parâmetros da quantidade definida por Perelman (2014), todavia é na organização das hierarquias que se estabelecem e na constituição dos discursos argumentativos. Se pensamos ainda nas preferências como critério de hierarquização, podemos também considerar esses critérios com base na reiteração de cada valor dentro do discurso. Vejamos os comentários expostos no Tratado da Argumentação pelos próprios autores da teoria das hierarquias:

A hierarquização dos valores abstratos não ordenados quantitativamente não implica que esses valores sejam independentes. Muito pelo contrário. Veremos que os valores são, em geral, considerados como vinculados entre si; esse vínculo mesmo é com frequência o fundamento de sua subordinação: por exemplo, quando o valor que é fim é julgado superior ao que é meio, o valor que é causa, superior ao que é efeito. (PERELMAN E OLBRECHTS- TYTECA, 2014 p. 91-92).

Nessa passagem, Perelman e Olbrechts- Tyteca (2014), direcionam a questão das hierarquias abstratas para o campo da dependência entre os valores, ou seja, o que aciona a subordinação de um valor a outro é essa vinculação em caráter de interdependência. Por

outro lado, há momentos ou situações em que esse vínculo não está tão nítido para o auditório; e assim, os valores hierarquizados passam a não mais agir em prol do vínculo, mais sim em torno do que foi estabelecido pelos ouvintes.

Se refletirmos em torno dessas questões, iremos notar que o caráter maleável das hierarquias, podem torná-las mais evidentes e/ou relevantes do que o conjunto dos valores. “As hierarquias de valores são, decerto, mais importantes do ponto de vista da estrutura de uma argumentação do que os próprios valores” (PERELMAN E OLBRECHTS- TYTECA, 2014, p. 92).

No tocante a nossa pesquisa, as hierarquias dos valores estarão assumindo papel de destaque na caracterização do auditório. Os valores, sendo comuns a muitos auditórios, estarão em maior ou menor força sujeitos a essas especificidades do auditório. “A intensidade da adesão a um valor, em comparação com a intensidade com a qual se adere a outro, determina entre esses valores uma hierarquia que se deve levar em conta” (PERELMAN E OLBRECHTS- TYTECA, 2014, p. 92).

SOBRE A METODOLOGIA

Primeiramente, a ideia da pesquisa surgiu por uma questão de valorização da cultura e/ou dos fatos que a ela fazem uma certa referência no tempo e no espaço pertencentes a cada território, a cada região. No nosso caso, o milagre da beata Maria de Araújo está vinculado à efervescente religiosidade do cariri cearense, mais precisamente da cidade do Juazeiro do Norte.

A EEFM Estado da Bahia está localizada no bairro Muriti o qual interliga os municípios de Crato e Juazeiro do Norte. O bairro aqui apresentado apresenta índices preocupantes no que diz respeito ao tráfico de drogas. Este bairro faz fronteira com outro –

o São Miguel – um dos bairros mais populosos do Crato e que concentra em suas extensões a rua popularmente conhecida como *comunidade do Gesso*.

Em 2011, a comunidade aqui explicitada liderou o *Ranking* da violência no município supracitado. Outro ponto que aponta para uma problemática parecida com o outro bairro está ligado também ao tráfico de drogas. Diga-se, de passagem, que traficantes oriundos dos dois espaços aqui contextualizados frequentemente disputam as ‘bocas de fumos’ que se entocam em trechos próximos à escola, gerando-com essa disputa- altos índices de violência que assusta os moradores da região.

A maioria dos alunos se envolveu com os temas trabalhados durante os quatro dias de oficinas e a partir daí notamos um maior interesse em contribuir com cada temática ali sugerida. Notamos que em questões como o aborto, havia uma forte concepção religiosa influenciando o discurso, e também como em assuntos que tratavam da pena de morte, os valores como justiça e/ou honra se sobressaíam em relação à fé.

Em seguida, apontamos para o gênero textual, no segundo dia de oficina, como sendo uma atividade articulada pela linguagem em suas diversas atuações sociais. E diante dessas atuações o conjunto de pessoas partícipes da sociedade compartilham dos gêneros entre si muitas vezes sem perceber que os utilizam nas diversas situações do cotidiano.

Como os alunos já tinham um certo conhecimento sobre os gêneros, nosso trabalho foi mais de exemplificar e/ou aprofundar o gênero que eles iriam usar para produzir o texto, ou seja, a crônica. A partir daí o papel da argumentação sobre o milagre da hóstia de sangue da beata do Juazeiro do Norte, teria um elemento a mais em relação à escrita.

Nas atividades com gêneros textuais, abrimos um espaço para tecer comentários sobre os chamados gêneros emergentes, aqueles com os quais os alunos convivem com mais frequência, mas que são, dentre outros, uma mistura de vários outros gêneros

tradicionais. Ressaltamos as relações entre a carta e o *e-mail*, por exemplo, entre o debate regrado e o júri popular, e assim fomos progredindo nas discussões.

Após os comentários gerais acerca dos gêneros, focamos no gênero crônica para que aproveitássemos mais o tempo da oficina dando todo embasamento possível para que os textos não se distanciassem da proposta demarcada, ou seja, das características da crônica. “Pela via etimológica a crônica, em sua primeira acepção, assume a função de registrar os fatos do cotidiano, acontecimentos capazes de representar ou até mesmo datar determinada realidade social” (RIBAS, 2009, p. 09).

Essa tendência de o aluno confundir as propostas solicitadas em torno dos gêneros é compreensível, visto que a escola (de forma geral) ainda não encontrou uma alternativa eficaz e duradoura para aplicar no que tange ao ensino de tipologia e gênero textual. Assim, na sala de aula, os professores buscam, muitas vezes, isoladamente, utilizar estratégias que eles mesmos planejaram, quando, na verdade, a instituição escolar deveria auxiliá-lo de maneira mais efetiva.

No caso dos alunos que fugiram demasiadamente da proposta de redigir uma crônica, nós sentamos individualmente com eles e discutimos em torno das características da crônica, dos elementos que a configuram enquanto tal, e principalmente da linguagem utilizada no gênero supracitado.

Retomamos os pontos principais das discussões anteriores como forma de revisar e/ou tirar eventuais dúvidas acerca dos assuntos estudados nas etapas anteriores das oficinas. Primeiramente, levantamos questões sobre a argumentação, teses, e hierarquia de valores.

O propósito principal da revisão era a de contextualizar os discursos adotados por eles, isto é, direcionar o raciocínio da turma para o momento da produção dos textos. Na

ocasião, em que relembávamos da argumentação e suas composições, parte dos estudantes falaram da importância de ter um ponto de vista sobre assuntos polêmicos.

Numa outra abordagem discursiva, pedimos a classe que nos desse exemplo de gêneros textuais e mais especificamente que falassem sobre a crônica enquanto gênero. Nesse instante, observamos que muitos alunos já conseguiam distinguir a crônica de outros gêneros como o conto ou a fábula.

Não se tratou, no entanto, de uma revisão completa a respeito do processo histórico pelo qual passou o gênero a ser trabalhado; mas sim do seu uso na contemporaneidade, da sua funcionalidade. A visão da turma já apontava para uma melhor compreensão da crônica como sendo um texto onde a sátira, a ironia e a linguagem coloquial predominavam.

A última etapa foi a produção escrita individual. Nesse momento, os alunos foram orientados a redigir seus textos a partir das discussões em sala de aula, durante as oficinas. Para que o processo fluísse, pedimos para que aproveitassem todo o tempo disponível, inclusive no uso do rascunho como elemento de organização mental e escrita.

O RESULTADO DOS TEXTOS ANALISADOS

Ao todo foram analisadas 25 (vinte e cinco) redações, contudo, como dissemos na introdução deste trabalho, trata-se de um recorte da pesquisa original, então daremos dois exemplos de cada subtema abordado, ou seja, mostraremos que as opiniões dos alunos variaram acerca do fenômeno da hóstia de sangue.

Vejamos, inicialmente, dos excertos retirados dos textos que apontam para o ocorrido como sendo um milagre legítimo, como também os valores mobilizados pelos alunos, produtores dos textos. Os produtores desses textos estão indicados apenas pelas iniciais como forma que encontramos de preservá-los.

No texto 1, *Maria de Araújo: A fé que sangrou montanhas*, o autor começa falando da cidade do Juazeiro e faz um paralelo entre a cidade antes e depois da chegada do padre Cícero. Através de um discurso com fortes indícios de fé, o aluno aponta para uma defesa de tese a favor do milagre. Vejamos o excerto onde foi localizada a tese:

Excerto

O Juazeiro era um lugar perdido no meio do nada quando o querido padre Cícero chegou e com todo esforço, e ajuda de deus e da santíssima Trindade fez coisas que até “deus” duvida. Maria de Araújo era uma mulher abençoada e eu lembro que minha vó dizia que ela era a santa escolhida por Deus para fazer milagres por nós [...] *Ninguém muda minha opinião de que ela era realmente santa, e que a hóstia era o sangue dela e de Cristo juntos para salvar a humanidade, isto porque aconteceu muitas e muitas vezes, daí, não tem como dizer nada!* [...] hoje, o Juazeiro é uma grande cidade, tem shopping, aeroporto, etc. (F. S. B.)

A tese do aluno aponta para uma questão em que o discurso de defesa do milagre é nítido e taxativo. Ele (o aluno) não admite outras possibilidades em relação ao milagre da hóstia de sangue que, em sua visão, aponta para uma conexão entre a beata e o símbolo maior do cristianismo. O sujeito do discurso afirma que, como ocorreu várias vezes seguidas, as pessoas não tinham como provar o contrário.

Em relação à hierarquização dos valores, no texto 1 conseguimos identificar, dentre os valores mobilizados pelo aluno, dois valores que se destacam: a fé e a verdade. Observamos que o autor do texto mostra que a fé está acima da verdade. Na tese que ele defende, algumas palavras revelam essa hierarquia, por exemplo, em passagens como: *“muita gente acha que não é verdade, mas a fé da beata sangrou montanhas”*. A verdade está subordinada a fé e essa mobilização está presente ao longo do texto.

O texto 2 intitulado de *Deus é mais* se apresenta como um texto que defende uma opinião também ostensiva no tocante ao milagre. O autor em várias passagens da sua crônica demonstra seu posicionamento, *“Maria de Araújo foi o nome escolhido por Deus,*

o sangue era real, alguém duvida? ”, ou ainda “Meu povo, Deus é fiel, nós não...respeitem o milagre ou vão para o lado do cão”.

Vejam os trechos abaixo, o qual corresponde à tese que identificamos no texto discutido:

Excerto

Todos os homens são criaturas de Deus? Vejam vocês que têm a mesma quantidade de olhos, de pernas e tal. Então posso dizer que somos todos iguais. Maria de Araújo foi o nome escolhido por Deus, o sangue era real, alguém duvida? Ela era igual a nós? SIM. Tinha dois ouvidos, um nariz. Mas, fazia milagres e nós não. Alguém ainda duvida? ***Eu tenho certeza que o sangue da hóstia era verdadeiro e os homens mal queria era poder fazer milagre para ser popular e ficar com a fama dela***, só isso! Alguém ainda duvida? (S. K. G. B)

A tese acima mostra a defesa do aluno a partir da crença popular de base maniqueísta, ou seja, existe na história dois lados contrários, o bem e o mal. A beata representa o bem por ser honesta, dedicada à religião, dentre outros; e os homens comuns, os quais não rezam, não buscam Deus, estavam querendo usurpar os poderes da beata e assim fazer milagres para ostentar.

Os valores que identificamos na análise deste texto foram a fé e a justiça. O discurso se assemelha ao primeiro texto e traz uma marcante valorização da fé, ou seja, para quem tem fé todas as coisas são possíveis, por outro lado, àqueles que ignoram a fé não “merecem” possuir os bens que Deus distribui aos seres. No caso da justiça, esta está subordinada a fé pelo fato de que, para o texto em questão, justo é só quem segue a religião, e quem apresenta comportamento contrário deve pagar sofrendo injustiças.

Por outro lado, alguns textos (crônicas) direcionaram o discurso para a ilegitimidade do milagre, ou seja, defenderam um ponto de vista desfavorável ao fenômeno estudado. Vejam os dois exemplos analisados:

O terceiro texto vem representado pelo título *Padre Cícero, culpado ou inocente?* E faz uma espécie de júri popular onde os réus são o padre e a beata.

Excerto

Nesse tribunal existe alguém que foi contra a pena dada ao Padre Cícero e a beata Maria de Araújo por fraudar provas contra a verdadeira história do milagre? *Eu, como promotor desse tribunal, acredito que os dois são culpados pelo crime de lavagem de provas, visto que a igreja e os outros padres já tinham provado cientificamente que não era um milagre.* Agora vamos ouvir os advogados de acusação e defesa. (M. V. G. S.)

Na tese identificada acima, o aluno defende seu ponto de vista como sendo promotor de justiça e deixa claro seus argumentos quanto a ilegitimidade do milagre, ou seja, ele afirma que houve provas contra a veracidade do fenômeno, mas que essas possíveis comprovações foram adulteradas pelo padre Cícero e pela beata.

Quanto aos valores utilizados no texto, podemos perceber claramente que foram a justiça e a razão. Na visão do aluno, acima de qualquer decisão, ou de crenças, estava a justiça, e isso se tornou mais evidente pelo caráter judiciário com o qual ele recheou o texto. Subordinada à justiça está a razão que também representa um valor decisivo no desenvolvimento dos argumentos contra a veracidade do milagre.

Na crônica *A hóstia*, texto 4, vimos que algumas características literárias do gênero proposto foram bem trabalhadas pelo autor que a produziu, o uso de metáforas é recorrente na escrita. Abaixo, vejamos o trecho do texto no qual está a tese identificada por nós:

Excerto

A hóstia, uma única hóstia que naquela noite parecia a lua cheia no céu escuro. Pois foi! Aquela hóstia que “sangrava” um sangue da cor de tinta, tinta vermelha que parecia sangue de algum animal (bode, ou porco)? Não se sabe. *O que sabemos é que não foi milagre porque se ela tivesse botado tanto sangue pela boca teria perdido todo seu sangue e morreria em pouco tempo.* Aí qual é o ser humano que perde toda tinta do corpo e sobrevive pra contar a história? (T. I. F. M.)

O texto nos surpreendeu pela qualidade das características do gênero proposto e estudado em sala de aula. A tese aponta para o fato de que, como o possível milagre acontecia com frequência e a beata, pela falta de estrutura hospitalar na época, não teria condições de saúde para perder tanto sangue.

O aluno nos apresentou como valores a verdade, a razão e a fé. Desses valores, a verdade está no topo da hierarquia, sendo seguida pela razão, e por último (subordinada por completo) está a fé. A verdade, segundo o texto, deve ser levada em consideração porque há muitas questões mal explicadas na história da hóstia. Com isso, ele busca saber dessa verdade através do uso da consciência, da reflexão (razão). A fé aparece no texto como um valor carregado de ilusão, de ingenuidade.

No âmbito de uma outra visão sobre o milagre protagonizado pela beata em questão, passaremos agora a apresentar teses de textos que defenderam a ideia de que o fenômeno supracitado teria sido, na verdade, um problema causado por uma doença mental. Vejamos os excertos analisados, primeiro no texto 5, *O sangue da beata*, depois no texto 6, *Ela era santa ou se fazia de doida?*

Excerto

Quero falar sobre o milagre, mas não da forma que o povo pensa que foi. O milagre naquele tempo poderia fazer sucesso, ter muitas curtidas e comentários (se existisse o face). ***Mas, hoje não posso dizer que aconteceu um milagre porque a pobre criatura que Deus a tenha, era atacada por doenças mentais que deixavam ela desequilibrada e fora de si.*** Isso está sendo estudado na atualidade por médicos de vários lugares. (E. M. C. T.)

Diante do trecho exposto acima, podemos ver que a tese do aluno direciona a questão do milagre para doenças de caráter psicológico que faziam a beata se perturbar e, no decorrer do texto, o aluno afirma ainda que essa perturbação tinha consequências diversas, inclusive fazia com que a beata mordesse a própria língua.

Aqui, os valores mobilizados foram três que, no desenvolvimento do texto, confundem-se (razão, verdade e tolerância), porém, há, na conclusão, uma distinção que coloca a razão no topo da hierarquia e a verdade subordinada a ela. Visto que, o aluno trata constantemente da racionalidade tão precária nas ações de Maria de Araújo. Já a tolerância

entra como último valor (subordinada à verdade e à razão), porque aparece fortemente na crônica, mas apenas como forma de compreendermos a busca pela verdade e pela razão.

O texto 6 foi uma produção textual a qual mais chamou a nossa atenção quanto aos aspectos relativos à crônica como gênero literário e jornalístico, claro que respeitando os limites esperados de um aluno em processo de aprendizagem contínua no âmbito do Ensino Médio. *Ela era santa ou se fazia de doida?* Foi o título do texto, o qual aparece no excerto abaixo de onde identificamos a tese.

Excerto

Naquele tempo. Naquela época. É mió começar com Era uma vez. Era uma vez uma beata que morava numa cidadezinha que se tornou anos depois uma cidadezona. Maria de Araújo (a Maria preta). Maria preta sofria da cabeça e naquela época era difícil saber o que era que ela tinha, por exemplo: menstruação atrasada, TPM, ou outra crise[...] ***na minha opinião acho que ela tinha um grande problema mental, como diz o povo: era doida de pedra, e assim se jogava no chão e batia a cabeça na parede, logo machucava o rosto e quebrava os dentes, causa do sangue.*** [...]. (F. J. A. V.)

A tese que localizamos como sendo a principal apresenta elementos que facilitaram a identificação, foi o caso das expressões: *'na minha opinião'*, ou ainda *'e assim'*, *'logo'* e *'causa'*. Ao se utilizar desses vocábulos na tese, o aluno afirma que o sangramento na boca de Maria de Araújo era decorrente de quedas e autoflagelação consequentes da doença mental.

Os valores que foram mobilizados ao longo da crônica são: a razão, e a inocência. Quando tratamos da razão enquanto valor superior à inocência, estamos diante da tentativa de o aluno apresentar argumentos quanto a perda da racionalidade, do equilíbrio tão necessários ao bem-estar do ser humano. Já a inocência (sendo subordinada a razão) está posta como uma ferramenta de manipulação que é responsável pelas alucinações de caráter religioso.

Por último, nosso trabalho foi analisar textos de alunos que, diferentemente dos demais, defenderam a tese de que a beata Maria de Araújo sofria de doenças as quais não eram de caráter psíquico, mas sim de cunho orgânico (físico). Observemos os textos de número 7 (*uma mulher corajosa*) e 8 (*a doença que sangrava pelo corpo*), respectivamente.

Excerto

Falar do milagre da beata é como pensar num versículo da bíblia onde Jesus diz que atirai a primeira pedra quem nunca pecou. Pois bem! Foi o que fizeram ao contrário as pessoas que julgaram ela como mentirosa. *Na verdade, ela sofria de uma doença que na época os médicos não sabiam que era uma gastrite que fazia ela sangrar várias vezes pela boca.* (M. F. G.)

Nesse texto, o autor apresenta uma tese que foge das argumentações contidas nos subtemas anteriores, ou seja, não acredita que foi um embuste, nem uma doença mental. Mas sim, um problema orgânico tipificado como sendo uma gastrite, a qual incomodava a beata e, como ninguém conseguia diagnosticar, a doença foi se agravando ao ponto de fazer jorrar sangue pela boca.

Partindo para a hierarquia de valores expressos no texto, há a superioridade de um valor que identificamos como sendo a paciência. Esta aparece como solução encarada pela beata para lidar com as crises de gastrite, com as especulações das pessoas sobre os episódios da hóstia, dentre outras. E abaixo desse valor estava a fé, esta assume importância no texto apenas para justificar o grau de paciência suportado por Maria de Araújo.

Defendendo uma tese semelhante, a crônica seguinte também direciona seu ponto de vista para o fato de que Maria de Araújo sofria de uma doença similar à gastrite, no caso, o aluno apenas se referiu à uma doença do estômago. Vejamos a tese do texto *A doença que sangrava pelo corpo*, demonstrada no trecho abaixo.

Excerto

[...] Era já de madrugada quando as mulheres fizeram uma fila. O padre Ciço deixava elas sem comer, sem beber água, só rezar. Pense como era difícil passar a noite inteira sem comer e ela que sofria de uma doença do estômago. *Acho que o problema do sangramento na boca foi esse: não comia, não bebia e assim a dor atacava.* No escuro ficava pior pra alguém entender a cena dramática. (I. Y. S. M.)

Nesse texto, o aluno não direciona os argumentos na mesma certeza do anterior, contudo, sua tese está embasada com elementos defendidos ao longo do texto que reforçam a tese em torno do problema no estômago de Maria de Araújo. Esta por passar horas e horas sem ingerir água e comida, estava mais pretensa para sofrer com os sintomas da doença estomacal.

Dois valores são bem presentes no desenvolvimento da crônica, a tolerância e a humildade. Nesse caso, podemos dizer que no topo da hierarquia está a tolerância, visto que a beata tolerava todo aquele martírio não em nome da fé, mas pela falta de instrução. Por isso, identificamos a humildade como valor subordinado à tolerância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação do objeto de pesquisa com a vida acadêmica, neste caso específico, foi fundamental para a escolha desse objeto. Enquanto professor do Ensino Médio, identificamos em nossa prática pedagógica, determinados elementos que apontavam para uma nova concepção de compreender e/ou analisar as manifestações sociais.

O tema escolhido para esta pesquisa, ou seja, o milagre da hóstia de sangue protagonizado pela beata Maria de Araújo, em Juazeiro do Norte, no ano de 1889, em crônicas de alunos, vai ao encontro dessa nova tentativa de analisar teses e valores nos textos representativos dos discursos.

Nosso foco foi o discurso religioso, por isso fizemos um estudo prévio da temática em questão. Nesse caso, fomos, primeiramente, procurar material necessário para o

desenvolvimento do trabalho acerca da beata Maria de Araújo (livros, jornais, histórias informais, dentre outros).

Nossa intenção também foi a de afastar a análise do fenômeno da hóstia de sangue do Padre Cícero Romão Batista, pelo fato de que, até então, Cícero Romão, ícone da religiosidade popular na época e a posteriori, ocupou o papel principal no tocante ao milagre, que, independentemente de ter sido reconhecido oficialmente com tal, excluiu a real protagonista do fato: a beata Maria de Araújo.

No campo das teses e hierarquia dos valores, a relação desta pesquisa com o tema se deu a partir dos estudos em torno da argumentação. As análises tiveram como pano de fundo a nova retórica proclamada por Perelman e Olbrechts-Tyteca, (2015), como também, tivemos outros nomes que embasaram nosso trabalho, Souza (2003), Fiorin (2015), dentre outros.

No tocante aos objetivos específicos desta pesquisa, dois elementos utilizados nos fizeram conhecer melhor os fenômenos sociais e situá-los na contemporaneidade. Foram eles: A relevância cultural da temática para o ensino e a valorização dos gêneros textuais dentro do nosso campo de estudo, ou seja, o ensino de Língua Portuguesa.

Compreender o discurso argumentativo e a construção de sentidos nas crônicas dos alunos acerca do fenômeno religioso ocorrido com a beata, também nos possibilitou uma experiência singular diante do milagre da beata do Juazeiro do Norte. Isto porque, ao identificarmos as teses e os valores em torno do fenômeno, abrimos um leque de opções para uma nova concepção sobre este episódio.

Muitos raciocínios tendem a analisar o fenômeno supracitado apenas pela óptica da veracidade do milagre. Por outro lado, os discursos que permeiam a sociedade do cariri cearense sobre a história da hóstia de sangue, ou seja, os pontos de vista divergentes, são, muitas vezes, excluídos dos estudos acadêmicos.

Outro ponto que embasou nossa pesquisa foi o fato de que objetivamos contribuir com o ensino de língua materna na escola onde realizamos as oficinas temáticas. A EEFM Estado da Bahia, localizada em Crato, CE apresenta um cenário social problemático, devido a sua localização entre dois bairros tidos como território do tráfico de drogas.

Contudo, foi no ambiente da sala de aula que pudemos perceber os dois lados da mesma moeda, ou seja, apesar da problemática em torno e dentro da escola, pudemos perceber a vontade dos alunos em aprender sobre o fenômeno religioso protagonizado pela beata Maria de Araújo.

Outra preocupação que tivemos em relação ao fenômeno estudado foi compreender e trabalhar com os alunos o tema com base no gênero textual denominado crônica. Nessa perspectiva, os argumentos desses alunos foram contabilizados através da escrita, o que nos levou a realizar um processo mais minucioso em torno do discurso de cada participante das oficinas.

A nossa contribuição para o processo de ensino e aprendizagem desses alunos foi, talvez, o fato mais importante durante as discussões levantadas antes, e depois das oficinas. Importante porque percebemos o envolvimento dos discentes em relação ao tema proposto. Muitos alunos desconheciam a existência da beata, e traziam pouco embasamento sobre o milagre estudado.

REFERÊNCIAS

ALVES SENA, Geane Cássia; FIGUEIREDO, Maria Flávia. **Um estudo da teoria da argumentação: da retórica aristotélica à teoria dos blocos semânticos. Diálogo das Letras**, v. 2, n. 1, p. 4-23, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 6. Ed. São Paulo: Editora WMF, Martins Fontes, 2011.

BARBOSA, Maria Fernanda Moreira. "A emergência de novos gêneros textuais na era digital." **Revista e-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU 3.1B** (2012).

BRASIL. **Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica.** Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 2006.

BRASIL. **Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica.** Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília: MEC/SEMT, 1999.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**, 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1995.

DITTRICH, Ivo José. **Por uma retórica do discurso:** argumentação técnica, emotiva e representacional. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 52, n. 1, 2009.

EL FAHL, Alana de O. Freitas. **Notas de Rodapé:** Algumas considerações sobre a crônica literária no Brasil e os periódicos do século XIX. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação /XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro - RJ – 4 a 7/9/2015.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**, São Paulo: Contexto, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa** - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GUEDES, Paulo Coimbra, and Jane Mari de SOUZA. **"Leitura e escrita são tarefas da escola e não só do professor de português."** Ler e escrever: compromisso de todas as áreas (1998).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**, São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOURA, Sérgio Arruda de. **A crônica:** Entre o campo literário e o campo jornalístico, Revista Contemporânea, V6. n. 2, UERJ, 2008.

NETO, Lira. **Padre Cícero:** poder, fé e guerra no sertão, São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 39-46.

PERELMAN Chaïm. & OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação:** a nova retórica. 3.ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

PLANTIN, Christian. **A argumentação**, São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso; DOMÁS, Milena Salles Marques; DA SILVA PESSANHA, Ketiley. **A crônica em sala de aula:** trabalhando com um gênero menor, ENORME, menor. Revista SOLETRAS, n. 18, p. 7-23, 2009.

SOUZA, Gilton Sampaio de. **O Nordeste na mídia:** um (des) encontro de sentidos, Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) UNESP: Araraquara, 2003.

TEMÓTEO, Jurandy. **A beata do Juazeiro: Santa ou sonsa?** Revista A província, s/v. n. 09, 1985.

TEMÓTEO, Jurandy. **A Xilogravura de Walderêdo Gonçalves no contexto da cultura popular do Cariri**, João Pessoa, A província edições, 2002.